

Eduardo Ely Mendes RIBEIRO. *Individualismo e verdade em Descartes: o processo de estruturação do sujeito moderno*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995, 87 p. (Filosofia 29)

Cogito, ergo sum. A frase latina de Descartes que se pode traduzir por um simples *penso, logo existo* certamente lhe dá o direito de ser um dos pais da modernidade: essa época em que vivemos com sua ciência tecnológica e seu subjetivismo racional característicos e hoje bem criticados.

Entretanto o pensamento de Descartes para o autor não foi tão simples: A busca de um fundamento indubitável e indiscutível para um exame da realidade levou o filósofo a ir até o fim de si em sua psicologia de sentir-se irritado em ter que aprender de um outro. Por isso constrói uma metafísica do sujeito por julgar-se um entendimento puro mas agir com liberdade de vontade. No conflito de subjetividade e objetividade Descartes oscila entre uma valorização do intelecto e uma afirmação de que todas as maneiras de pensar que experimentamos em nós, podem reduzir-se a duas gerais. Consiste uma em apreender pelo entendimento e a outra em determinar-se pela vontade (p. 51).

Nós diríamos que essa posição tão ambígua de Descartes nos faz compreender certos “cientistas” do presente como os economistas que analisam a realidade de que tratam a partir de suas escolhas bem pessoais de definição de valores, esquecendo quanto essas escolhas são subjetivas. Cada vez que alguém se socorre da força natural do mercado, como absoluta, parece esquecer que o mercado é um ato humano... extremamente dependente de escolhas bem mais complexas que são as múltiplas ofertas e as polivalentes procuras...

A lógica de Descartes em seu *Discurso sobre o método* aprimorados por Kant com as suas várias *Críticas*, como nos lembra o autor (p. 13) são indispensáveis para uma análise da coerência da modernidade e de nossas tensões intelectuais e culturais muitas vezes *inconscientes*. *Eis uma leitura recomendável e merecedora de elogio.*

PAS.

Elio SGRECCIA, *Manual de bioética 1. Fundamentos e ética biomédica*. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo, Loyola, 1996, 686 pp.

Excelente manual com uma apresentação sistemática, clara e atualizada que pode não ter tudo mas o que tem, é fácil de entender e de aplicar na realidade. Como manual, os capítulos partem de um esquema que varia um pouco conforme cada assunto mas que é sempre orgânico: uma apresentação do fato e das suas várias modalidades científicas, a exposição das práticas médicas e populares surgidas e as legislações universais e italianas que regulamentam o problema e, por fim, uma reflexão ética fundada em princípios filosóficos com algumas argumentações teológicas.

A primeira parte do livro aborda os temas gerais: a origem, a difusão e a definição da bioética na atualidade; a justificação de sua presença entre as ciências e a metodologia de sua pesquisa; a vida com suas formas, sua origem e seu sentido; a pessoa humana e seu corpo; uma enumeração de princípios para uma bioética humana e uma reflexão sobre a medicina e o médico em sua ação técnica na vida individual e social.

A parte especial aborda os assuntos em detalhes: a genética, a procriação, o aborto, as tecnologias da fecundação, a esterilização, a mudança de sexo, a experimentação com seres humanos, o transplante de órgãos, a eutanásia e um capítulo algo surpreendente sobre a tecnologia e a bioética que trata do mundo moderno e suas técnicas como a Informática e as reações do ser humano.

A visão do autor quer ser humanista e personalista. não enxerga apenas desenvolvimentos de mutações feitas com o objetivo de brincar com a realidade produzindo novidades até monstruosas. Onde não houver mais humanidade, não há ética científica e nem ciência. Talvez mais conhecimentos curiosos, não progresso (cfr. p. 61-65). Influem no pensamento do autor os neotomistas deste século, sobretudo Maritain. e o grupo da Universidade de Milão. Nem faltam apelos freqüentes aos documentos proféticos de alguns papas.

Um dos grandes méritos do livro é a bibliografia que termina cada capítulo. é completa quanto ao técnico e o filosófico. As obras são citadas na língua original e na tradução italiana quando ela existe. Pena que os responsáveis pela tradução não mencionem as traduções que existem em português.

Ao citar dados da legislação existente sobre os vários problemas, houve pouquíssima referência ao que já se fez no Brasil. Nem nosso código de ética médica é mencionado. É um manual que fica devendo uma adaptação que permita seu uso

em escolas brasileiras sobretudo aquelas que se dedicam à medicina ou à teologia. Isso prejudica o uso como manual e consulta.

A tradução é de excelente qualidade. Num livro bem redigido, o tradutor sobre empregar linguagem coerente e não hermética, produzindo um escrito de boa divulgação séria levando a uma reflexão de moral profunda e católica.

PAS.

Giacomo MARTINA, *História da Igreja de Lutero a nossos dias: II - A era do absolutismo*. Trad. Orlando Soares Morteira. São Paulo, Loyola, 1996, 348 P.

É o segundo volume de uma história da Igreja que curiosamente começa em 1517 com a crise Luterana, o que já causa estranheza. O volume que analisamos já é o segundo. O primeiro chamou-se *A era da reforma*, o próximo chamar-se-á *A era do liberalismo* e o quarto *A era contemporânea*.

A história aí descrita não é uma sucessão de nomes em cargos importantes, entremeada da descrição de fatos notáveis que unem esses nomes mas como análise dinâmica de realidades contrastantes pelo direcionamento estabilizador que imprimem e pelas reações de resistência ou redução que os acompanham, reduzem ou transformam em decadência. Uma história onde tem espaço a presença das constantes sociais, com sua sucessão de benefícios e sofrimentos, dominação e compensação. Uma descrição pormenorizada de alguns movimentos centrais das épocas mostrando seu peso e seu agir nos momentos mais tencionais das múltiplas experiências e necessidades vitais.

Os séculos XVII e XVIII aparecem como a era do absolutismo (reis e estados absolutos), da relação tumultuada entre a Igreja e os judeus (convivência e conflito), do nascimento da tolerância (princípios, realizações e reações da Igreja), do jansenismo e galicanismo (controvérsias e influência), do iluminismo reformador (causas características e aplicações concretas), da supressão da Companhia de Jesus (poderosos e com isso também incômodos) e da problemática história das missões (colonização cultural para a fé ou pela fé?).

Poder-se-ia falar mais de uma história de temas influentes com seus contrastes e suas tendências. Temas que influenciaram e influenciam nossas decisões e nossos temores hoje. É mais ou menos a história de nosso subconsciente teológico: temas clássicos. São as fontes da modernidades.

O livro constitui uma síntese clara e profunda dos assuntos tratados. Há coerência e abundância de detalhes nas situações analisadas. Lamentamos que sejam tão europeus, como se o resto do mundo não existisse e tão italianos como se a península do Mar Mediterrâneo fosse nessa época o centro da história eclesial. Somente quando trata da missão dividida pela disputa de que devia dominá-la e o padroado real ou a Propaganda Fidei é que o autor cita fatos menos eurocêntricos...

Interessantes os questionamentos feitos no fim de cada tema com o convite de continuar pela pesquisa dos textos originais ou das melhores análises a busca de uma opinião pessoal crítica e aplicável ao hoje da história que o historiador propõe. São indicações sugestivas e podem dar lugar a bons trabalhos de aprofundamento.

A bibliografia dos tratados é reduzida mas selecionada. O autor é um estudioso apaixonado pela verdade: procura indicar causas de bens ou de males, sem negar responsabilidades.

Um livro meritório e que não pode faltar em qualquer biblioteca de instituição que queira estudar movimentos de nossa história, Útil por sua capacidade de análise e de síntese.

A. MARZOA, J. MIRAS E R. RODRIGUEZ-OCAÑA,
Comentario Exegético al Código de Derecho Canónico. 5 vol.
Pamplona, Eunsa, Pamplona, 1996, 115 p., 2189 p., 653 p.

As cúrias diocesanas, tribunais eclesiásticos e os seminários podem procurar esse bom comentário do direito canônico que vai prestar grandes serviços. A edição tem o código em latim, a única versão oficial e que serve de texto legal, com uma tradução espanhola. Não é apenas uma série de anotações para esclarecer o menos previsível ou o mais discutível. Quer ser comentário que esclareça com segurança.

Há uma introdução a cada nova divisão que o texto oficial apresenta indicando-lhe as variações históricas, os princípios orientadores e as opções fundamentais. Cada canon recebe também um comentário de pelo menos uma página, formando um verdadeiro artigo onde também se indica o autor. Como era de esperar, cada palavra mais importante é analisada, cada distinção explicada citando-se para confirmação legislações anteriores agora modificadas, as discussões das comissões que fizeram o código e também muitas vezes autores clássicos e modernos.

Além do texto e do comentário aparecem também para cada canon as fontes de legislação que deram origem ao atual texto da lei, seja que provieram do código anterior, de decretos antigos de concílios, de decisões papais ou de outras autoridades

eclesiais e, para complementar, são enumerados todos os cânones cuja matéria está em conexão com o canon estudado.

O trabalho de impressão foi ótimo: tudo é lido com facilidade e achado sem problemas. Talvez haja até um exagero no tamanho das letras e no espaço que se perde entre um canon e outro. Assusta um pouco que a obra tenha cinco tomos (são quatro volumes dos quais o quarto é dividido em dois tomos) de texto e o número de páginas que tem cada um deles. O quinto volume contém os apêndices com o direito próprio das canonizações, da eleição do papa, os regulamentos da cúria romana e da rota; apresentam-se as interpretações autênticas existentes até 1994, comparam-se os números dos dois códigos latinos, indicam-se em vários índices os documentos fontes e, por fim temos um bom índice de matérias

É uma síntese bem feita de um direito que vai se tornando mais claro através de uma prática já experimentada e estável. Falta apenas chegar a um livro eletrônico desse porte para facilitar ainda mais a prática de quem tem que buscar com rapidez e com clareza o que manda a lei, diminuindo um pouco mais o espaço para subjetivismos danosos ou “achismos” apressados e anti-sociais.

PAS

Rinaldo FABRIS, *Para ler Paulo*. São Paulo, Loyola, 1996, 195 p.

Para ajudar os que precisam muitas vezes um manual claro e modelar para se apresentar em um curso de leigos que querem aprofundar de maneira organizada seu conhecimento das coisas da fé, apresentamos também essa ótima introdução a São Paulo.

O livro abre-se com a localização do personagem na realidade do tempo e da documentação: fontes, cronologias. Traça-se um perfil humano do personagem, descreve-se sua caminhada de cristão, fala-se de seu apostolado onde se incluem os seus escritos, mostra-se a mensagem teológica e espiritual do apóstolo para depois expor sua influência na história e como tudo pode ser visto na atualidade. É um Paulo vivo e de traços bem definidos.

A apresentação é curta e clara, as divisões significativas, o texto moderno. Excelentes as ilustrações abundantes com mapas, pinturas, estátuas, cópias de documentos originais que esclarecem e colocam mais dentro do ambiente. Dão vivacidade também alguns textos em destaque como o hino “elogio” do amor e outros.

O livro tem uma impressão dos mapas e fotos que nem sempre é tipograficamente agradável. O livro pode ser popular, mas podia também usar melhor técnica.

Outro defeito que pode ser corrigido no futuro é a recomendação de continuar o estudo com outras obras. Mas se o título da bibliografia é sempre “*para continuar o estudo*” o leitor brasileiro vai encontrar uma única recomendação em sua língua (p. 116) sendo todas as outras traduções em italiano ou originais em outras línguas, embora certas obras tenham sido traduzidas em português (Cerfaux, p. 141) e não falem bons comentários feitos por aqui e bem acessíveis ao leitor leigo.

PAS